A SITUAÇÃO PARADOXAL DO PAPA FRANCISCO⁽¹⁾ THE PARADOXICAL SITUATION OF POPE FRANCIS

FREI BENTO DOMINGUES
freibentoop@yahoo.com.br
Ordem dos Pregadores

Texto recebido em / Text submitted on: 30/12/2017

Texto aprovado em / Text approved on: 31/01/2018

Resumo:

A Igreja é uma realidade histórica, *semper reformanda*, ao serviço da encarnação do Espírito de Cristo na história humana. A história da Igreja Católica teve dificuldades em discernir o seu caminho no mundo moderno. Quando parecia que o tinha encontrado, no Concílio Vaticano II, deixou questões pastorais decisivas para depois do Concílio e perdeu o rumo acerca das reformas mais urgentes. Conseguiu resultados mediáticos espantosos, mas também sofreu perdas irreparáveis. O deserto teológico foi também o abandono de quem podia contribuir para uma reforma criadora. Os grandes meios de comunicação acabaram por fazer da Igreja a imagem dos escândalos financeiros e a cobertura da pedofilia eclesial. O Papa Francisco surgiu com um estilo, uma mensagem, um projeto e uma nova convocatória. Paradoxo: enquanto havia católicas e católicos para as

(1) Este texto retoma uma intervenção proferida pelo autor no Centro de Reflexão Cristã, a 16 de dezembro de 2017, na introdução a um debate. A utilização do Novo Acordo Ortográfico nesta peça resulta de uma exigência do editor.

reformas urgentes, estas foram impedidas; agora, que são propostas pelo próprio Papa Francisco, o terreno está ocupado e minado pelos seus adversários. Mas ele não desiste e reúne cada vez mais filhos da Esperança criadora!

Palavras-chave:

Papa Francisco, Concílio Vaticano II, Reforma da Igreja Católica, História eclesiástica.

Abstract:

The Church is a historical reality, always reforming, at the service of the incarnation of the Spirit of Christ in human history. The history of the Catholic Church had difficulty discerning its way in the modern world. When it seemed that he had found it, in the Second Vatican Council, he left decisive pastoral questions to be decided after the Council and lost track of the most urgent reforms. It achieved amazing media results, but also suffered irreparable losses. The theological desert was also the abandonment of those who could contribute to a creative reform. The great media eventually made the Church the image of financial scandals and the coverage of church pedophilia. Pope Francisco came up with a style, a message, a project and a new call. Paradox: While there were Catholics for urgent reforms, these were prevented; now, when they are proposed by Pope Francisco himself, the ground is occupied and undermined by his opponents. But he does not give up and gathers more and more children of Creative Hope!

Keywords:

Pope Francis, Vatican Council II, Reformation of the Catholic Church, Ecclesiastical History.

1. O Papa Francisco, desde que foi eleito, não continua, apenas, a surpreender-nos. Provoca as reações mais contrastadas. Andrew Brown atreve-se a escrever que ele

é actualmente um dos homens mais odiados do mundo. E quem mais o odeia não são ateus, protestantes ou muçulmanos, mas alguns dos seus próprios seguidores. [...] Desde a sua rápida renúncia à pompa

do Vaticano, que marcou desde logo a diferença na relação com os mais de três mil empregados civis do Vaticano, ao seu apoio aos migrantes, às suas críticas ao capitalismo global e, acima de tudo, à sua intenção de reexaminar as posições da Igreja relativamente ao sexo, o Papa tem vindo a escandalizar os reacionários e os conservadores. A julgar pelos números das votações do último encontro mundial de bispos, quase um quarto do Colégio dos Cardeais – o mais alto organismo da organização clerical – está convencido de que o Papa se está a aproximar da heresia⁽²⁾.

Não apenas a aproximar-se. Segundo um documento difundido pelos inquisidores do Papa, já caiu, pelo menos, em oito heresias. Essa publicidade talvez não se destine a mostrar que não pode continuar a ser reconhecido como Papa. Creio que nem os subscritores dessa declaração – salvo alguns mais fanáticos – acreditam no que dizem. Procura-se, sobretudo, criar um ambiente em relação a uma próxima eleição. Importa preparar um salvador, alguém que nos livre da herança de Jorge Bergoglio.

2. O cristianismo é uma religião de historiadores, dizia Marc Bloch, porque é essencialmente histórica. O próprio evangelista S. Lucas (1-4) quer fazer história porque Jesus de Nazaré faz parte da história humana. Henri-Irenée Marrou julga digna de Tucídides a declaração: «No décimo quinto ano do reinado do imperador Tibério...» (Lc 3, 1-2).

Segundo L. Michael White, o Novo Testamento e a fé cristã são, fundamentalmente, um processo de quatro gerações⁽³⁾. E que dizer das gerações que se sucederam, desde o começo da Cristandade, desde o imperador Constantino, até aos nossos dias, sem falar dos diversos rostos do cristianismo, ao longo dos séculos, entre os diferentes povos e culturas?

No entanto, houve sempre quem lembrasse que a realidade da Igreja – fiéis e hierarquia – não era santa e imaculada e que precisava sempre de se reformar (*semper reformanda*).

Para Yves Congar, a história oferece-nos exemplos significativos de reformas, na Igreja Católica, que foram ao mesmo tempo espirituais e de estrutura, e aponta quatro: a reforma do século XI, chamada «grego-

(2) *Público* - P2, 24.12.2017.

(3) L. Micael White, *De Jesús al cristianismo*, Verbo Divino, Estella (Navarra), 2007.

riana»; a das Ordens Medicantes, no século XIII; a oriunda do Concílio de Trento; e a do Vaticano II⁽⁴⁾.

Na posteridade do Concílio do Trento, desenvolveu-se o chamado *tridentinismo*, isto é, uma identificação da Igreja com o Papa, o Bispo e os padres, com a hierarquia. A eclesiologia tornou-se uma *hierarquilogia*. Tudo é pensado e decidido a partir do topo da pirâmide. Não é o bom ambiente para se deixar interrogar pelas viragens da história.

3. Desde a promulgação, em 1864, do *Syllabus*, coleção dos erros modernos, em que praticamente se rejeitavam o liberalismo e o modernismo da sociedade do século XIX, a Igreja defrontava-se, segundo A. Aubert, com o mundo surgido da revolução intelectual e política dos finais do século XVIII e, em particular, com o regime das liberdades civis e religiosas simbolizado pela declaração dos *Direitos do Homem e do Cidadão* de 1789, qualificada de «monstruosa» por Pio VI.

Estas *atitudes defensivas* explicam, em parte, a rejeição da liberdade religiosa e a condenação da emancipação da sociedade. A Revolução Francesa foi violenta com a Igreja de então, ao derrubar muitas das estruturas religiosas, dispersar os padres e perseguir os fiéis. Este desmoronamento da Igreja provocou um traumatismo profundo na consciência cristã da Europa e atormentou-a durante o século XIX. Isto explica a atitude contra-revolucionária da Igreja.

Em 1832, a encíclica *Mirari vos*, de Gregório XVI, condenava a liberdade de consciência como opinião absurda e errónea. Em suma, a Igreja Católica arrastava, desde há vários anos, uma série de problemas derivados das suas relações conflituosas com a chamada Modernidade. Segundo E. Troeltsch, «a *Ilustração* é o princípio e fundamento do período moderno, propriamente dito, da cultura e da história da Europa, por oposição a uma cultura dominada, até então, pela teologia».

Durante o pontificado de Pio IX, a Igreja dos clérigos interessava-se mais por si própria do que pelos problemas do mundo, face aos quais

(4) Yves Congar, *Renovação do Espírito e Reforma da Instituição*, in *Concilium* 73 / 1972 / 3, p. 305-313. Todo este número é essencial para compreender as dificuldades da continuação da reforma da Igreja a partir do Vaticano II. Já para J. W. O'Malley, as três grandes reformas são: a gregoriana, a protestante levada a cabo por Lutero, e a do Vaticano II, iniciativa de João XXIII. As novas perspectivas sobre a reforma da Igreja são apresentadas, numa grande obra colectiva, por Antonio Spadaro / Carlos María Galli (eds.), *La riforma e le riforme nella chiesa*, Brescia, Queriniana, 2016.

muitas vezes ficou calada e não reagiu. O magistério social da Igreja, a partir de Leão XIII, teve que contornar muitas dificuldades e superar posições integristas que recusavam a realidade temporal, o pluralismo, a democracia, a cultura secular e a liberdade⁽⁵⁾.

A declaração da infabilidade pontifícia, no Concílio Vaticano I (1869-1870), apesar deste não ter sido concluído, desenvolveu a falsa convicção de que não era preciso estar atento à dinâmica das Igrejas locais, nem à necessidade de novos concílios. O Papa sabia tudo.

Apesar disso, nos finais do século XIX e no século XX, não se desenvolve apenas a corrente fortíssima do catolicismo integrista. O liberalismo católico (do jornal *L'Avenir*), que desejava conciliar Deus e a liberdade e reclamava a separação da Igreja e do Estado – uma Igreja livre num Estado livre –, foi condenado, mas a sua semente não secou. A ação do P. Lacordaire, que se tornou dominicano e paladino da restauração das Ordens Religiosas em França, a par do movimento dos *católicos sociais*, no seguimento de Ozanan (entre outros), vão criar, no século XX, vários movimentos de esperança e de renovação do catolicismo.

Os movimentos missionário, bíblico, patrístico, ecuménico, litúrgico, social, teológico, de arte sacra, ação católica, equipas de casais (etc.), nas suas diversas dinâmicas e expressões muito plurais, fizeram do século XX um dos séculos mais evangélicos da história. É, pelo menos, a opinião de um teólogo da eclesiologia como Yves Congar. No entanto, esses movimentos, quando se tornavam mais livres, criativos e emancipadores, assumindo o mundo contemporâneo como desafio à Igreja e a interpelavam com radicalismo evangélico, tinham de contar com o Santo Ofício e com as suas condenações. O P. Marie Joseph Lagrange, fundador da Escola Bíblica de Jerusalém, o P. Dominique Chenu, no campo da teologia, e Yves Congar, no campo da eclesiologia e do ecumenismo, entre muitos outros, experimentaram o preço a pagar pela fidelidade ao Evangelho e pelas exigências da evangelização a incarnar nos movimentos sociais e culturais⁽⁶⁾. Outros abandonaram, pura e simplesmente, a Igreja.

4. Com João XXIII (Angelo Roncalli, 1958-1963), eleito como um Papa de transição, de facto, há uma mudança nos seus gestos, atitudes e men-

(5) Cf. Casiano Floristán, *Vaticano II. Um Concílio Pastoral*, Lisboa, Paulinas, 1990, p.121-126.

(6) Quem desejar conhecer o que foi essa tragédia, deve ler Yves Congar, *Journal d'un théologien*, Cerf, 2000.

sagens, não só para o inesperado, mas para surpresas que se sucedem. O humor tinha chegado ao Vaticano e multiplicavam-se as histórias mais inacreditáveis. Eu próprio me senti envolvido pela sua presença e palavras de que o mundo era a sua paróquia. Depois, segundo ele, estava a fazer a barba e lembrou-se de convocar um Concílio Ecuménico. Já ninguém sabia o que isso poderia ser. A primeira ideia foi abrir as janelas e deixar o Vaticano e todas as Igrejas respirar um ar puro.

Acabou por revelar que esperava uma primavera para a Igreja e veio o verão – o Vaticano II (1962-1965).

A sua preparação foi complicada. Os documentos, preparados em Roma para serem discutidos pelos padres conciliares, acabaram por ser rejeitados. Era o exercício da sua liberdade.

Diz-se que o Vaticano II começou por ser obra de uma minoria que converteu os delegados ao Concílio numa grande maioria. Restava uma questão: como seria recebido este Concílio extraordinário no conjunto das Igrejas?⁽⁷⁾

Há quem diga que ficaram assuntos essenciais para depois do Concílio, que deveriam ter sido debatidos e orientados pelos padres conciliares: a questão do celibato do clero; as questões de moral familiar – limitação da natalidade e seus métodos –; a situação eclesial das mulheres. Esse adiamento envenenou o pós Concílio. Ainda hoje, atormenta a reforma da Igreja.

No decorrer do Concílio, o Papa João XXIII, que nos deixou o documento mais extraordinário da Igreja no mundo contemporâneo – *Pacem in Terris* –, no qual crentes e não crentes se reconheceram, morreu.

Paulo VI (Giovanni Montini), que lhe sucedeu, não conseguiu enfrentar e orientar, com sucesso, as questões dilacerantes que ficaram para depois do Vaticano II. Existem obras de várias orientações para estudar esse período bem complexo⁽⁸⁾. A primavera e o verão tinham chegado ao outono.

(7) Existe uma abundante bibliografia sobre o Vaticano II. Destaco: Giuseppe Alberigo, *Breve História del Concílio Vaticano II (1959-1965)*. En busca de la renovación del cristianismo, Salamanca, Sígueme, 2005; e John W. O'Malley, *L'événement Vatican II*, Lessius – Cerf, 2011.

(8) Existem muitas avaliações desse tempo. Recomendo, sobretudo, o recurso à Revista Internacional de Teologia, *Concilium*. Para uma visão das tribulações dessa época, pode ler-se René Laurentin, *A Igreja do Futuro*, Lisboa, Edições Paulistas, 1991, embora não me convença.

João Paulo I (Albino Luciani), o chamado Papa do sorriso, não teve tempo para levar avante a reforma que pretendia.

João Paulo II (Karol Wojtyła) foi apresentado como aquele que iria salvar a Igreja do desastre pós conciliar. Percorreu o mundo, atraiu multidões, mas não parece que tenha compreendido o que se passava no Vaticano. O Perfeito para a Doutrina da Fé, levado pela obsessão de derrotar as teologias de que não gostava, provocou o deserto teológico em todos os continentes. A sua orientação neoplatônica, agostiniana, alérgica a Tomás de Aquino, impedia-o de acolher o documento conciliar *Gaudium et Spes* e a grande maioria dos teólogos que este documento inspirava, de forma criadora, para entender o papel da Igreja no mundo contemporâneo.

O longo período de João Paulo II-Joseph Ratzinger (Bento XVI), apesar de todos os seus méritos e glórias, acabou nas revelações dos escândalos financeiros do banco do Vaticano e na denúncia da ocultação eclesial da pedofilia em várias instituições da Igreja. Para os meios de comunicação, falar da Igreja tornou-se uma narrativa ininterrupta desses escândalos. Viveu-se um longo inverno na Igreja, segundo vários comentadores deste período.

Bento XVI prestou um grande serviço à Igreja, demitindo-se.

5. O Papa Francisco herdou uma situação com a qual não podia, nem queria pactuar. Anunciou rapidamente, com alegria, o seu empenhamento na reforma da Igreja, desde o topo das suas instituições até à alteração do estilo dos católicos assumirem as suas responsabilidades na sociedade.

Começou por ele próprio. Mostrou que queria continuar a ser um cristão em processo de conversão. Ao considerar-se um pecador, pedia que rezassem por ele. Não adotou o estilo de *Sua Santidade* nem a invocação do seu *augusto magistério*. Foi viver para fora do palácio papal. Não fazia alarde da sua sobriedade, mas também não ocultava o seu desprendimento.

A sua primeira pergunta era esta:

Como estamos a tratar o povo de Deus? Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora. Os ministros da Igreja devem ser misericordiosos, tomar a seu cargo as pessoas, acompanhando-as como o bom samaritano que lava, limpa, levanta o seu próximo. Isto é o Evangelho puro. Deus é maior do

que o pecado. As reformas organizativas e estruturais são secundárias, isto é, vêm depois. A primeira reforma deve ser a da atitude. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem se perder. O povo de Deus quer pastores e não funcionários ou clérigos de Estado. Os bispos, em particular, devem ser capazes de suportar com paciência os passos de Deus no seu povo, de tal modo que ninguém fique para trás, mas também para acompanhar o rebanho que tem o faro para encontrar novos caminhos.

Em vez de ser apenas uma Igreja que acolhe e recebe, tendo as portas abertas, procuramos mesmo ser uma Igreja que encontra novos caminhos, que é capaz de sair de si mesma e ir ao encontro de quem a não frequenta, de quem a abandonou ou lhe é indiferente. Quem a abandonou fê-lo, por vezes, por razões que, se forem bem compreendidas e avaliadas, podem levar a um regresso. Mas é necessário audácia, coragem⁽⁹⁾.

Este texto é o embrião dos seus grandes documentos programáticos e das suas múltiplas intervenções para falar da *Igreja de saída* para todas as periferias⁽¹⁰⁾.

Quanto aos diferentes aspetos da reforma da Cúria – que tem suscitado resistências e mais resistências –, depois de ter abordado a reforma da Cúria Romana *ad intra*, no Natal de 2017 fez a sua intervenção sobre a realidade da Cúria *ad extra*, nomeadamente,

a relação da Cúria com as nações, com as Igrejas particulares, com as Igrejas orientais, com o diálogo ecuménico, com o judaísmo, com o islamismo e as outras religiões, isto é, com o mundo externo. As minhas reflexões baseiam-se certamente nos princípios canónicos da Cúria, na própria história da Cúria, mas também na visão pastoral que procurei partilhar convosco nos discursos dos últimos anos, no contexto da actual *reforma* em curso. E, a propósito da reforma, vem-me à mente a frase simpática e significativa de Mons. Frédéric-François-Xavier de Mérode: «fazer as reformas em Roma é como limpar a Esfinge do Egipto com uma escova de dentes».

(9) Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao padre Antonio Spadaro, Paulus, 2013.

(10) *A Alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*, 2013; *Louvado sejas (Laudato si')*, 2015; *Alegria do Amor (Amoris Laetitia)*, 2016.

6. Chamei a este texto *Situação paradoxal do Papa Francisco* por uma razão muito simples. Desde o século XIX até ao Vaticano II, a relação da Igreja com o mundo contemporâneo – sempre em mudança – foi muito complexa. No geral, foi de recusa. As minorias reprimidas conseguiram, no Vaticano II, converter em maioria os padres conciliares às suas perspectivas. O pós Concílio foi atribulado, como vimos. As pessoas e os grupos que tentaram abordar a questão dos ministérios eclesiais, o celibato dos padres, a situação eclesial das mulheres, etc. abandonaram a «militância» na Igreja. Quando chega o Papa Francisco, que assume não só a reforma interna da Igreja, mas a interpelação da sociedade a partir das periferias e do enfrentamento com a «dominação do dinheiro», não pode contar com o apoio entusiasta de muitos cardeais, bispos, padres e movimentos mais conservadores para levar avante o projeto de reforma. Pelo contrário, encontra muitas resistências passivas e organizadas, mas não desiste.

Em resumo: Quando havia «militantes» das reformas, estas foram impedidas. Agora, que existe uma grande convocatória para as reformas da Igreja no seu conjunto e, nomeadamente, na Cúria, o Papa Francisco tem de atrair para este grande desígnio, não apenas a opinião pública, mas o empenhamento atuante de mulheres e homens católicos entusiasmados com a novidade do projeto de Jorge Bergoglio.

Bibliografia:

- Alberigo, Giuseppe (2005). *Breve História del Concílio Vaticano II (1959-1965). En busca de la renovación del cristianismo*. Salamanca: Sígueme.
- Congar, Yves (1972/73). *Renovação do Espírito e Reforma da Instituição, Concilium 73*.
- « – » (2000), *Journal d'un théologien*. Cerf.
- Floristán, Casiano (1990). *Vaticano II. Um Concílio Pastoral*. Lisboa: Paulinas.
- Laurentin, René (1991). *A Igreja do Futuro*. Lisboa: Edições Paulistas.
- O'Malley, John W. (2011), *L'événement Vatican II*. Lessius – Cerf.
- Spadaro, Antonio Spadaro / Galli, Carlos María Galli (eds.) (2016). *La riforma e le riforme nella chiesa*. Brescia: Queriniana.

White, L. Micael (2007). *De Jesús al cristianismo*. Estella (Navarra): Verbo Divino.